

“MAS É LEGAL”: A TERCEIRA VIA NA VALORAÇÃO DO LITERÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE

Patrícia Trindade Nakagome (USP)

RESUMO: Neste artigo, apresentamos uma breve reflexão acerca dos critérios de valoração da literatura (e mais amplamente da cultura) na contemporaneidade. Para isso, centramos nossa análise na série *Harry Potter* de J.K.Rowling. Mostramos que tanto a crítica literária tradicional quanto o discurso da indústria cultural partilham de semelhanças na avaliação de uma obra como o *best-seller* de Rowling, comumente destacando sua elevada vendagem ou traçando observações bastante sucintas sobre o enredo. Em oposição a isso, discutiremos como jovens leitores recorrem a meios diversos para tratar a obra. Além da análise dos textos, em vídeos ou artigos, os jovens recorrem ainda a desenhos ou novas narrativas envolvendo personagens da série para mostrar formas variadas de ler, interpretar e valorar uma obra. Assim, como hipótese ainda em desenvolvimento, refletimos sobre as novas formas e critérios de valoração trazidos por jovens leitores, questionando em que medida seu exercício crítico poderia ser apropriado pela crítica literária.

Palavras-chave: Valor. Leitura. *Harry Potter*. Crítica literária

I

O gênero acadêmico “texto completo de anais de congresso” parece-me potencialmente interessante. Quando tenho que me deter sobre a escrita de um artigo nesse molde, sempre voltam à cabeça memórias do congresso, falas ouvidas, sabores e cheiros de uma cidade antes desconhecida. Agora, em São Paulo escrevendo estas linhas, sinto uma vontade enorme de comer bombom de cupuaçu e me arrependo de ter tomado menos sorvetes do que poderia. Tudo isso está na minha cabeça, mas muito raramente coloco tais memórias e desejos no papel, ou melhor dito, na tela do computador.

Ainda que o gênero em que ora escrevo me pareça potencialmente interessante, quando leio ou escrevo textos em Anais, noto que eles pouco se distanciam dos artigos que enviamos para revistas científicas. Nesse sentido, a única diferença entre um texto para Anais e um texto para revistas é a maior possibilidade de publicação daquele. Com

isso, ao invés do trabalho em Anais revelar as marcas de um gênero interessante, ele se torna apenas um espaço menor, de artigos com menor importância e visibilidade.

Quando penso sobre isso, penso também sobre o gênero “comunicação” dos congressos. Em relação a este, acho que tenho uma compreensão deturpada. Quando vou aos congressos, nos poucos minutos que nos são dados para comunicar uma pesquisa, tento sempre falar com as (também poucas) pessoas que estão presentes, apresentando os dados mais importantes e, muitas vezes, expondo as minhas dúvidas, de modo que a discussão faça sentido para todos nós. Afasto-me, assim, do gênero palestra para uma maior possibilidade de diálogo.

No caso específico da XIV Abralic, modifiquei inteiramente a minha fala antes de apresentá-la. Isso ocorreu pelo que aprendi com os trabalhos de outros membros do simpósio e com palestras instigantes e também devido à rara possibilidade de fazer uma fala mais longa, rompendo o limite sempre frustrante dos quinze minutinhos, graças à organização diferenciada do simpósio do qual participei. Assim, a comunicação que fiz no simpósio foi bastante diferente do que eu havia planejado inicialmente. Do mesmo modo, o texto que ora escrevo difere substancialmente do que apresentei no evento. Esse é um texto produzido a partir da memória e que, mais do que o testemunho de um momento, é o registro daquilo que ainda estou pensando.

Seria pertinente perguntar o motivo que me leva, em um texto tão breve, a tratar sobre gêneros acadêmicos. Além de esse ser um tema que me interessa, discuto essa questão porque considero que ela dialoga com aquilo que é tratado neste artigo. Em linhas gerais, almejo refletir sobre novas possibilidades de avaliar o texto literário, em que instrumentos diferentes são mobilizados por novos leitores, produzindo, com isso, uma nova régua de valoração. Nesse sentido, ao questionar em que medida a crítica pode (ou deve?) levar em consideração formas alternativas de avaliação, com cores, desenhos e fantasias que não são permitidas à crítica acadêmica tradicional, não cabe questionar também o uso que fazemos de determinados espaços de expressão, como esse de Anais de Congresso? Seria aqui também mais um lugar para registrar o acabado, o certo e o científico? Não poderia apreender o processo e abrir-se para a dúvida? Em outras palavras: seria produtivo que ampliássemos o limite de nossa escrita acadêmica

assim como poderia ser interessante que nos abríssemos para novas formas de avaliação das obras?

II

Pouco mais de um mês antes de fazer minha apresentação na Abralic, tinha defendido a tese de doutorado *A vida e a vida do leitor*: um conceito formado no espelho junto ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, sob orientação da Profa. Dra. Andrea Saad Hossne.

Em linhas gerais, buscava apontar na tese o descompasso entre o conceito de leitor veiculado pela teoria e crítica literárias e o leitor real. Uma das etapas da pesquisa consistiu em entrevistar alguns estudantes do curso de Letras da USP, de modo, inicialmente, a identificar como ocorria a formação do bom leitor, verificando em que medida as escolhas de leitura feitas pelos jovens corresponderiam ao ideal de boa literatura estabelecido pela crítica. Questionava-se, assim, se seria possível estabelecer uma ligação direta entre a “boa” literatura e o “bom” leitor. As aspas usadas anteriormente são intencionais, afinal sabemos que a valoração positiva que acompanha uma determinada obra depende de fatores muito mais complexos e amplos do que parece ser possível ao adjetivo “bom”. No caso do leitor, nossa investigação apontou um cenário ainda mais espinhoso, em que a definição do bom leitor se estabelecia a partir da imagem que o crítico forma de si mesmo, como representante máximo da categoria de leitor hábil. Havia, desse modo, um distanciamento da alteridade, daquele leitor que se interessa por obras diferentes das que se costuma valorar, sendo comum, inclusive, que ele fosse tratado pela negação, o “não-leitor”.

Diante de tais constatações, passou a ser problemático o intuito inicial de entrevistar estudantes que fossem “bons” leitores, afinal, qual régua usaríamos para fazer tal classificação? Optamos, então, por buscar um critério que, de saída, não partisse de uma valoração.

Em uma das perguntas do questionário entregue aos alunos de Letras no primeiro do ano do curso, questionava-se qual obra havia sido a mais “importante” para

eles. Perguntava-se, em seguida, o que determinava a importância da referida obra. A obra mais citada pelos estudantes, com mais menções que o segundo e terceiro lugar da lista, respectivamente *Dom Casmurro* e *Pequeno Príncipe*, foi a série *Harry Potter* de J.K.Rowling. Com a representatividade de tal dado, passou-se a uma segunda etapa da pesquisa, a de entrevistar os alunos que optaram pela obra de Rowling alguns anos depois, quando eles já estavam próximos de sua formação. Com isso, buscava-se saber: qual a importância que eles ainda atribuíam à obra? Como eles se colocavam diante dela após terem adquirido conhecimentos mais profundos de crítica e teoria literária?

No grupo de cinco entrevistados, encontramos respostas bastante diversas. Havia desde uma estudante que decidira desenvolver uma pesquisa em Iniciação Científica sobre *Harry Potter*, que ela considerava importante e marginalizada dentro da universidade, até um estudante que reconhece a importância formativa da obra em sua vida, mas já não a destacaria atualmente. Ainda que houvesse variação no modo como cada estudante avaliava o livro no momento da entrevista, todos apontavam sua importância como obra fundamental para que os instigasse à leitura. Assim, as entrevistas dos estudantes de Letras contrariavam algumas hipóteses críticas relacionadas ao suposto caráter nocivo da leitura da obra de Rowling. A esse respeito, é especialmente significativo que vejamos o comentário de Harold Bloom, publicado no *Wall Street Journal*:

No que segue, poderei agora indicar algumas das inadequações de "Harry Potter". Mas terei em mente que uma multidão que o está lendo simplesmente não lerá coisa superior, como "The Wind in the Willows", de Kenneth Grahame, ou os livros de "Alice", de Lewis Carroll. É melhor que eles leiam Rowling do que eles não leiam? Eles avançarão de Rowling para prazeres mais difíceis? (BLOOM, 2000)

A citação de Bloom foi retirada de um artigo com o sugestivo título: “Podem 35 milhões de compradores de livros estarem errados? Sim”. É interessante observar que os leitores de *Harry Potter* são chamados de “compradores de livros”, o que indica haver uma semelhança no modo como a crítica e a indústria cultural encaram esses sujeitos. Os leitores de um *best-seller* são números, não sujeitos. Assim, duas frentes do universo letrado - a crítica e o mercado -, comumente entendidas em polos opostos, se aproximam no modo de negar a condição de leitor a aqueles que se interessam por obras que são, de saída, marcadas por seus números exorbitantes.

O título do artigo de Bloom, formado por uma pergunta bastante ampla que é logo seguida por um simples “sim”, é representativo da estrutura de todo seu texto, em que, como vemos na citação, a questão sobre o papel da obra de Rowling na formação de leitores é respondida pelas expectativas do próprio crítico. Nesse sentido, ao invés de buscar dados que indicassem o papel da leitura de *Harry Potter* pelos jovens leitores, o crítico opta por fazer uma análise apressada do primeiro livro da série, mostrando o quanto ele não corresponde aos modelos da tradição.

As entrevistas dos estudantes de Letras oferecem um contraponto à visão pessimista de Bloom, marcada também em seus questionamentos: “Por que lê-lo? [...] Há algum uso redentor educacional para Rowling?” (BLOOM, 2000). Os estudantes citam as obras de Rowling junto a Shakespeare, Mallarmé e outros importantes nomes do cânone, muitos certamente apreciados por Bloom. Assim, ainda que em uma pequena amostra, as palavras dos estudantes levam-nos a repensar afirmações críticas que parecem se sustentar na força de uma hipótese formada a partir de uma imagem única de literatura e de leitor, a “boa” literatura e o “bom” leitor a que nos referimos anteriormente.

Leitores como os jovens que foram estimulados a ler por causa de *Harry Potter* (ou ao menos também por causa de *Harry Potter*) sabem lidar com os rótulos que pesam sobre uma obra como a de Rowling e sobre seus leitores. Assim, a afirmação que trazemos no título deste artigo, de que um livro pode ser não ser bom, “mas é legal” é extremamente significativo.

A valoração “não é bom, mas é legal” não indica necessariamente que os leitores não reconhecem características que possibilitariam a avaliação positiva da obra. Indica apenas que tais leitores, conhecedores do discurso da crítica, sabem que essa instância legitimadora dificilmente consideraria determinados títulos como “bons”. Isso, no entanto, não faz com que os leitores silenciem, recusando a importância que eles reconhecem numa obra como *Harry Potter*. Para marcar tal valor, um valor que não é aceito na comunidade interpretativa que o regula, recorre-se ao “legal”.

Com simplicidade, o “legal” estabelece um diálogo com o valor “bom” tradicionalmente estabelecido. Aliás, cabe ressaltar que, no dicionário, o termo “legal”, ao qual os entrevistados fazem referência em diversos momentos, tem um sentido muito mais amplo do que “bom”. O “legal” que marca a valoração despretensiosa dos leitores é, assim, uma valoração plural, que dá conta de diversas conotações possíveis, inclusive do “bom” relacionado ao valor sancionado, que, na breve observação do termo dicionarizado, indica estar no campo daquilo que abrange um consenso. Entendemos, assim, que “legal” é um critério de valor tão ou mais produtivo para pensar a voz dos diferentes sujeitos a respeito de suas obras de estima. Trata-se de um critério abrangente, que dá conta de valorações diversas e dialoga com a tradição única e forte do “bom”.

Para além do grupo restrito de entrevistados, podemos encontrar na Internet, com grande facilidade, muitos leitores expondo suas avaliações sobre *Harry Potter*. Eles revelam, com cores, sons e palavras, que o mercado e a crítica estão equivocados em não reconhecer rosto e voz em leitores de obras de alta vendagem. Recorrendo a resenhas, os leitores, muitos deles com formação especializada, oferecem, fora do espaço da crítica acadêmica, análises consistentes e fundamentadas. Além disso, recorrendo a instrumentos que são pouquíssimos utilizados pela crítica, como vídeos, desenhos e novas narrativas relacionadas aos personagens que apreciam, ampliam a compreensão de sua obra de estima. Assim, ao entrarmos em um *fandom* (ou seja, o domínio do fã) de *Harry Potter*, podemos encontrar ali discussões acirradas entre leitores sobre a interpretação de determinado trecho de livro ou sobre relações que podem ser estabelecidas com outros títulos. Nesse sentido, não seria exagerado afirmar

que se trata de um espaço de intensa vitalidade que envolve leitores especializados, que sabem lidar com obras “legais”, poucas vezes reconhecidas como “boas” pela crítica.

Quando leitores criam novas histórias com seus personagens ou desenham futuros que não cabem mais nas páginas dos livros, eles revelam formas mais dinâmicas e variadas da recepção de uma obra. Está na Internet, ao alcance de nossos dedos, maneiras diferentes, e muitas vezes inusitadas, de compreender uma obra que, muitas vezes, sequer é considerada como objeto digno de análise pela crítica.

Espaços e recursos diferentes são usados por jovens leitores para ampliar a compreensão de uma obra. De modo semelhante, talvez o espaço acadêmico possa ser ampliado com um uso mais livre de diferentes gêneros acadêmicos, como brevemente pontuamos em relação ao trabalho completo em anais de congresso. Talvez, como ocorre neste texto, não tenhamos a precisão e a densidade, as quais podem ser procuradas em outras fontes, como na tese da autora (NAKAGOME, 2015) em que se desenvolvem diversas questões aqui apenas pontuadas. Mas talvez tenhamos uma forma, que, inclusive por sua simplicidade, permita a aproximação de novos leitores. Leitores que talvez entendam que este texto não é “bom”, mas que, quem sabe, pode ser considerado “legal”.

Referências

BLOOM, Harold. “Can 35 Million Book Buyers Be Wrong? Yes.” (“Podem 35 milhões de compradores de livros estar errados? Sim”). *Wall Street Journal*, 11 de julho de 2000.

NAKAGOME, Patrícia Trindade. A vida e a vida do leitor: um conceito formado no espelho. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2015.